

Straubhaar: o estudo crítico da comunicação começa a penetrar nos EUA

Carlos Eduardo Lins da Silva *
Glória Kreinz **

O professor norte-americano Joseph Straubhaar esteve no Brasil em agosto de 1986, visitando várias cidades e universidades. Na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, fez uma palestra sobre o tema "Sistema norte-americano de comunicação". Compareceram ao encontro alunos e professores das áreas de Jornalismo, Rádio e TV, interessados na questão da atuação dos meios de comunicação de massa nos Estados Unidos.

Antes da palestra realizada no auditório do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP, Straubhaar concedeu entrevista à INTERCOM — Revista Brasileira de Comunicação. A equipe de entrevistadores foi constituída pelo jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva e a editora-assistente de INTERCOM — RBC, Glória Kreinz. A conversa centralizou-se nos rumos atuais da pesquisa em comunicação nos Estados Unidos.

Para o entrevistado, a postura funcionalista predominante "no pensamento norte-americano" coexiste com grupos de críticos voltados para o "estudo das mediações entre a parte e o todo, típica dos franceses mas genericamente européia. Os latino-americanos engrossam essa ala mais crítica" que valoriza os elementos mediadores e são reconhecidos pelas experiências práticas que têm realizado.

Recentemente Straubhaar apresentou tese de doutoramento junto à Fletcher School of Law and Diplomacy em Boston, sobre pesquisa

* Ex-Editor de INTERCOM — Revista Brasileira de Comunicação. Atualmente, é o Secretário de Redação do jornal Folha de S. Paulo e Professor do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP.

** Jornalista, pós-graduanda em Jornalismo na ECA-USP e Editora-assistente de INTERCOM — Revista Brasileira de Comunicação.

feita no Brasil durante os quatro anos que aqui viveu, de 1976 a 1979. Seu trabalho de doutoramento chama-se "Transformação da Dependência Cultural: o declínio da influência norte-americana na indústria cultural brasileira". O meio focalizado é a televisão, com ênfase especial em programas de auditórios, telenovelas, programas de entrevistas e noticiários.

INTERCOM — *Que trabalhos você desenvolve atualmente? Depois de suas pesquisas sobre telenovelas brasileiras, você continua interessado no Brasil?*

J. Straubhaar — Eu comecei estudando a influência norte-americana no Brasil, também nas telenovelas, porque quando cheguei em 1976 notei uma tendência quase automática na aplicação da teoria da dependência cultural para tudo aqui. Continuo este trabalho, mas agora estou pesquisando o relacionamento político televisivo. É o caso, por exemplo, da atuação da televisão na Nova República, e a abertura política, porém este é um trabalho em fase inicial.

INTERCOM — *Apenas a televisão continua o núcleo de seu interesse na indústria de comunicação massiva?*

J. Straubhaar — Estou fazendo uma pesquisa comparando vários países latino-americanos em termos de vídeo-cassete. É interessante porque o Brasil tem menos vídeos que a maioria dos países latino-americanos. O preço do vídeo é muito alto em relação aos preços da Argentina, Venezuela e Colômbia. Mesmo que o preço fosse igual, acredito que haveria menos interesse pelo vídeo, porque aqui o sistema de televisão é mais diversificado, quer dizer, um pouco mais sofisticado do que em outros países.

Na Venezuela, por exemplo, a combinação de vídeo, filme e televisão está criando uma conjuntura de indústria cultural monopolista, que concentra o poder em duas ou três empresas, as quais fazem a produção de programas e a distribuição de filmes e de fitas cassetes.

INTERCOM — *Felix Gatari, pesquisador francês, declarou que a televisão contribui para a "poluição da sensibilidade coletiva". Você concorda?*

J. Straubhaar — Tenho várias reações. Temos, primeiro, que trabalhar a televisão como veículo, pensar o que pode ser feito com ela. Tem uma tendência massificadora, mas não é possível, hoje em dia, tirar dela esta tendência. Então tenta-se um trabalho com a televisão no sentido de preservação, mas também de diversificação da cultura.

Numa situação concreta, como pai, por exemplo, de uma menina de seis anos, um filho de três e outro de um, reajo, às vezes, muito fortemente contra a televisão, contra os programas para as crianças, que eu acho péssimos, de forma geral, nos Estados Unidos. Existe a alternativa da televisão não comercial, especialmente na linha de programação infantil. Hoje em dia metade da população norte-americana tem televisão a cabo, o que permite uma diversificação muito maior.

INTERCOM — *Você conhece novas metodologias de pesquisa na área de Jornalismo Impresso, ou continuam as mesmas pesquisas tradicionais de análise de conteúdo?*

J. Straubhaar — A pergunta é oportuna, porque a análise de conteúdo continua em prática, não só para o Jornalismo Impresso, mas também para o Jornalismo Televisivo. Inclusive eu também a pratico. Acabei recentemente um estudo comparando o noticiário da televisão em oito países. Nós decidimos incluir a União Soviética neste estudo e só conseguimos porque tratava-se de uma pesquisa de conteúdo. É proibido fazer outros tipos de pesquisa lá.

INTERCOM — *Então a análise de conteúdo predomina como método?*

J. Straubhaar — Não é bem isso. As vezes as condições de pesquisa se limitam à análise de conteúdo, o que não é muito recomendável. Este tipo de pesquisa está ainda em moda nos Estados Unidos. Também está em moda a análise do papel e atuação do jornalista, o que já demonstra um avanço em outro sentido metodológico.

INTERCOM — *Em que consiste, basicamente, esta análise do papel e atuação do jornalista?*

J. Straubhaar — Consiste na análise da formação e das condições de trabalho dos jornalistas norte-americanos. O efeito de várias estruturas empresariais sobre os jornalistas tem sido pesquisado. A meu ver isso é um bom exemplo da combinação da ala funcionalista com a ala crítica porque tem algumas que reúnem técnicas de entrevista, juntando também dados estruturais. Um exemplo é como atua a imprensa e como atuam as estruturas das empresas em que os jornalistas trabalham.

INTERCOM — *Já que você mencionou a formação dos jornalistas norte-americanos, continua havendo grande procura de cursos de jornalismo nos Estados Unidos?*

J. Straubhaar — Sim, continua.

INTERCOM — *Na década de 70, houve a primeira grande leva de estudantes ao profissionalismo, devido ao caso Watergate, à figura heróica do jornalista. Isso continua influenciando, ou há outros motivos de ordem econômica e ideológica?*

J. Straubhaar — O fato é que o jornalismo já não é tão procurado como antes, embora haja procura. A Propaganda e as Telecomunicações têm crescido muito. O jornalismo perde um pouco de fôlego porque muitas pessoas formadas ainda não tiveram oportunidade de emprego. O mercado está um pouco limitado.

INTERCOM — *Você diria que o mercado de trabalho está limitado porque é aberto a todo mundo?*

J. Straubhaar — Exatamente. Lá não temos a regulamentação como aqui, que precisa ser formado em jornalismo para exercer a profissão.

INTERCOM — *Que porcentagem dos que trabalham na redação são jornalistas formados?*

J. Straubhaar — Não tenho dados exatos, mas creio que somente a metade é formada em jornalismo. Tem muitas pessoas que chegam no ramo que julgam o seguinte: para ser jornalista tem que

escrever bem, analisar bem e ter um texto conciso. Tem muita gente que se forma em Inglês e atua como jornalista porque escreve corretamente.

INTERCOM — Qual a diferença entre um profissional formado em Inglês e um formado em Jornalismo nos Estados Unidos?

J. Straubhaar — O estudante de jornalismo tem um limite máximo de cursos na área técnica, mas ele deve fazer também Ciência Política, Economia e outras matérias que lhe proporcionem uma visão ampla da realidade. O que não acontece com um estudante de Letras. Não é necessário o requisito do diploma, mas uma credencial de jornalismo de uma escola conceituada ajuda muito e oferece vantagens no mercado de trabalho.

INTERCOM — As escolas de comunicação nos Estados Unidos dão espaço para a discussão de correntes teóricas européias ou latino-americanas?

J. Straubhaar — Depende da escola. Lá a tendência predominante continua sendo a norte-americana, marcadamente funcionalista. Porém já temos uma dúzia de programas voltados completamente para a ala crítica, com o pensamento francês, italiano e até latino-americano.

Os programas mais críticos hoje em dia seriam no Texas, Universidade de Washington e alguns departamentos da Michigan States. O departamento de Comunicação é completamente funcionalista, mas o departamento de Telecomunicações é dividido entre criticismo e funcionalismo.

INTERCOM — Dependendo da escola a ênfase do método de pesquisa se desloca?

J. Straubhaar — Sim, há muitas diferenças entre os métodos de ensino das escolas norte-americanas. A idéia de pesquisa de opinião pública tem muita aceitação. Para se citar um exemplo concreto, no nosso mestrado em jornalismo tem um curso específico onde todos devem aprender a interpretar pesquisas, porque isso é importante hoje em dia nos Estados Unidos, sobretudo no que diz respeito a informar ao leitor. Qualquer repórter, e ainda mais o político, terá que trabalhar com pesquisa de opinião. Nem sempre é fácil interpretar uma pesquisa. E pelo que se nota, os gráficos e pesquisas tendem a marcar época no jornalismo atual, não só americano, mas como uma tendência internacional. Acho que isso pode se verificar aqui mesmo no Brasil, nos maiores jornais impressos ou televisivos. De qualquer forma, perigoso seria apresentar dados de forma apenas teórica, sem respaldo na pesquisa empírica.